

Dossiê: Batuque e ancestralidade: Diálogos entre o popular e o sagrado na cultura**Capoeira Angola entre a tradição e os desafios da circulação global: língua, identidade afro-brasileira e patrimônio cultural em contextos transnacionais**

Maria Teresa Rabelo Rafael

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Université Clermont Auvergne (UCA)

maria.rafael@ufma.br

<https://orcid.org/0000-0002-6438-0327>

Raquel Gonçalves Dantas

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

raquel.goncalves@ufma.br

<https://orcid.org/0000-0001-5462-6592>**RESUMO**

Este artigo apresenta uma entrevista cujo formato foi previamente estruturado e desenvolvido de maneira dialógica entre Mestre Janja e Mestre Nelsinho, Mestres de Capoeira Angola. O texto reúne reflexões acerca do papel da capoeira na difusão da língua portuguesa em contextos internacionais e na afirmação da identidade afro-brasileira. Também discute desafios contemporâneos enfrentados pela capoeira angola diante de suas múltiplas interpretações culturais, filosóficas e educativas, abordando os impactos do reconhecimento patrimonial, as inter-relações entre gênero e economia e a centralidade da ancestralidade africana para a compreensão dessa prática. A entrevista contribui para o debate acadêmico ao evidenciar a capoeira como prática cultural que articula dimensões linguísticas, identitárias e políticas em contextos transnacionais. Ademais, destaca os efeitos das políticas públicas voltadas à capoeira, problematiza desigualdades de gênero presentes em sua dinâmica econômica e reafirma a importância da preservação de suas matrizes históricas e afro-diaspóricas. Mestre Janja, professora doutora da Universidade Federal da Bahia e coordenadora do Instituto Nzinga, desenvolve pesquisas no campo da cultura afro-brasileira, com ênfase em debates sobre gênero, raça e educação. Mestre Nelsinho, coordenador da Escola de Capoeira Angola Laborarte e professor de Educação Física na rede pública de São Luís, atua no desenvolvimento de projetos voltados tanto à valorização da capoeira quanto das manifestações culturais maranhenses.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira; Patrimônio Cultural Imaterial; Identidade e Ancestralidade; Gênero e relações étnico-raciais.

Capoeira Angola between tradition and the challenges of global circulation: language, Afro-Brazilian identity, and cultural heritage in transnational contexts

ABSTRACT

This article presents a structured interview developed through a dialogic approach between Mestre Janja and Mestre Nelsinho, masters of Capoeira Angola. The text gathers reflections on the role of Capoeira in the dissemination of the Portuguese language in international contexts and in the affirmation of Afro-Brazilian identity. It also discusses contemporary challenges faced by Capoeira Angola in light of its multiple cultural, philosophical, and educational interpretations, addressing the impacts of its recognition as cultural heritage, the interrelations between gender and economy, and the centrality of African ancestry for understanding this practice. The interview contributes to the academic debate by highlighting Capoeira as a cultural practice that articulates linguistic, identity, and political dimensions in transnational contexts. Furthermore, it emphasizes the effects of public policies directed at Capoeira, problematizes gender inequalities within its economic dynamics, and reaffirms the importance of preserving its historical and Afro-diasporic roots. Mestre Janja, a professor with a PhD from the Federal University of Bahia and coordinator of the Nzinga Institute, develops research in the field of Afro-Brazilian culture, with an emphasis on debates regarding gender, race, and education. Mestre Nelsinho, coordinator of the Laborarte School of Capoeira Angola and a Physical Education teacher in the public school system of São Luís, works on projects aimed at both the promotion of Capoeira and the cultural expressions of Maranhão.

Keywords: Afro-Brazilian culture; Intangible Cultural Heritage; Identity and Ancestry; Gender and ethno-racial relations.

Capoeira Angola entre la tradición y los desafíos de la circulación global: lengua, identidad afrobrasileña y patrimonio cultural en contextos transnacionales.

RESUMEN

Este artículo presenta una entrevista cuyo formato fue previamente estructurado y desarrollado de manera dialógica entre Mestra Janja y Mestre Nelsinho, maestros de Capoeira Angola. El texto reúne reflexiones acerca del papel de la capoeira en la difusión de la lengua portuguesa en contextos internacionales y en la afirmación de la identidad afrobrasileña. También discute los desafíos contemporáneos que enfrenta la Capoeira Angola ante sus múltiples interpretaciones culturales, filosóficas y educativas, abordando los impactos del reconocimiento patrimonial, las interrelaciones entre género y economía y la centralidad de la ancestralidad africana para la comprensión de esta práctica. La entrevista contribuye al debate académico al evidenciar la capoeira como una práctica cultural que articula dimensiones lingüísticas, identitarias y políticas en contextos transnacionales. Además, destaca los efectos de las políticas públicas dirigidas a la capoeira, problematiza las desigualdades de género presentes en su dinámica económica y reafirma la importancia de la preservación de sus matrices históricas y afrodiaspóricas. Mestra Janja, profesora doctora de la Universidad Federal de Bahía y coordinadora del Instituto Nzinga, desarrolla investigaciones en el campo de la cultura afrobrasileña, con énfasis en debates sobre género, raza y educación. Mestre Nelsinho, coordinador de la Escuela de Capoeira Angola Laborarte y profesor de Educación Física en la red pública de São Luís, actúa en el desarrollo de proyectos orientados tanto a la valorización de la capoeira como de las manifestaciones culturales de Maranhão.

Palabras clave: Cultura afrobrasileña; Patrimonio Cultural Inmaterial; Identidad y Ancestralidad; Género y relaciones étnico-raciales.

Breve panorama histórico da capoeira

A capoeira emerge no território brasileiro a partir das experiências e dos saberes de africanos e seus descendentes submetidos ao processo de escravização. Constitui-se, assim, como uma prática cultural brasileira forjada no contexto da diáspora africana e da resistência da população negra no Brasil. Segundo Carlos Eugênio Líbano Soares, estima-se que os primeiros indícios da prática de capoeira no país marcam o período do Brasil colônia, entre o século XVI e XVII (Soares, 2001). Com a vinda forçada de negros escravizados de diferentes regiões da África, várias expressões culturais se manifestaram em terras brasileiras ao encontrar a realidade local. E a capoeira foi uma delas.

A capoeira se desenvolveu como uma manifestação de gramática própria, como elemento de pertencimento e ligação desses atores sociais com suas raízes. Como um misto de dança, luta e brincadeira, ela servia para suportar a dor do apagamento do passado usurpado e da labuta diária do trabalho escravo. A criação de gestos, cantos, movimentos e toques próprios para a comunicação de determinados corpos nos ajuda a compreender a oralidade e o corpo como “lugares dominantes de trocas, capazes inclusive de perdurar, deixando vestígios para sua interpretação” (Barbosa, 2016, p. 45). Assim, apresentamos elementos para o entendimento da capoeira como um caminho para se refletir processos como a preservação dessa herança afro-brasileira e prática como resistência cultural.

Quando a capoeira aparece no contexto urbano, por volta do século XVIII, extremamente marginalizada (Pires, 2012), ela passa a ser uma “ameaça social”, em especial para a elite portuguesa que se instalava no Brasil nesta época. “Bêbado, vadio, ocioso, baderneiro, desordeiro, vicioso” eram alguns adjetivos relacionados àqueles que eram acusados — em sua maioria negros libertos — de praticar capoeira ou causar desordens nas ruas (Soares, 2001; Oliveira; Leal, 2009).

Além dos negros libertos, identificavam-se também estrangeiros, brancos e pardos entre os praticantes de capoeira. Na formação das maltas (nomenclatura policial e jornalística) ou partidos (autodenominação dos grupos), Nagoas e Guaiamuns identificavam-se trabalhadores de rua, artesãos, pedreiros, estivadores, carpinteiros entre outras ocupações. De acordo com Antônio Liberac Pires, cada grupo representava o domínio de certas áreas específicas da cidade e disputava territórios e interesses políticos no Rio de Janeiro (Pires, 2010).

A historiadora Mary Karasch (2000) conta que era uma prática comum da polícia do Rio de Janeiro, no século XIX, desempenhar ações violentas para dispersar negros e

negras reunidos nas ruas dançando batuque e se divertindo ao som de tambores. A perseguição e a marginalização eram institucionalizadas na prática cotidiana da administração do Estado. Já no final do século XIX, a partir de 1890, no período republicano, a capoeira é criminalizada e proibida por lei, legitimando a perseguição do Estado e aumentando ainda mais a discriminação em relação à prática.

No início do século XX, durante a ditadura do Estado Novo, Getúlio Vargas implantou políticas de “limpeza étnica” no país, com medidas restritivas de imigração para negros e incentivos para brancos, seguindo o projeto político nacional de perseguição as manifestações culturais de matriz africana, num processo de “embranquecimento nacional” (Frigerio, 1989; Araújo, 2004).

A estratégia era transformar a imagem da prática, a fim de realocá-la no cenário cultural, econômico, étnico e político nacional. Assim, em 1936, Getúlio Vargas extingue o decreto que criminalizava a prática, iniciando um processo de reconhecimento da capoeira como esporte nacional.

A partir daí, a capoeira passa por um processo de inserção social e, para isto, recorre a atributos da branquitude para permanecer e não se extinguir. Surge a chamada Luta Regional Baiana, posteriormente denominada Capoeira Regional. Getúlio Vargas concede a alcunha de “esporte genuinamente brasileiro” a capoeira com o objetivo de emplacar uma releitura nacional sobre a prática, que passa de arte negra a esporte branco. A leitura de Alejandro Frigerio e argumentada em artigo publicado em 1989, denominado de “Capoeira: de arte negra a esporte branco”. Desse modo, a “capoeira tradicional” como prática marginal de resistência da cultura negra cede espaço ao “esporte nacional”, que ganha a aceitação do mundo, iniciando um processo de expansão internacional.

Na mesma época, surge um estilo denominado Capoeira Angola, encabeçado por Mestre Pastinha. Grande defensor da capoeira como era praticada por africanos, ele criou métodos de ensino e ficou conhecido na capoeiragem como um educador. Pastinha adotou práticas que retiravam a capoeira de um lugar estigmatizado, reafirmando a ancestralidade negra da capoeira, mas morreu no início dos anos 80 no ostracismo, sem grandes reconhecimentos do seu legado.

Após sua morte, um novo movimento de valorização da Capoeira Angola surge, a partir de novas formas de organização do movimento negro, atento às transformações políticas que abriam espaços para o processo de redemocratização do país. Com o fim da ditadura militar, os movimentos sociais ganham espaço e força, como as lutas pelos

direitos das mulheres e, posteriormente, as lutas LGBTQIAPN+. O projeto de afirmação da cultura negra também se consolida nesse contexto, quando o modelo de uma identidade nacional vigente é questionado, assim como as teorias que defendiam a supremacia da raça branca.

Assim, com os fluxos de informações globais e as novas compreensões da história a partir do diálogo transnacional desses movimentos sociais, principalmente o feminista e o negro, a Capoeira Angola volta para a cena cultural com a força política de uma arte negra, graças a dedicação e ao trabalho de algumas organizações. Aqui, destacamos o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho — (GCAP), em Salvador (Araújo, 2015; Barreto, 2016). É importante marcar que o movimento negro e o movimento feminista no Brasil se fortalecem no contexto internacional a partir do diálogo com vários países e em todos os continentes, acentuando uma rede de comunicação, a partir de uma geopolítica global em torno dos mesmos temas e interesses no final do século XX. Embora a aproximação com a cultura africana tenha acontecido, esse fortalecimento se deu de maneira bastante ocidentalizada, pauta atual nos debates contemporâneos.

Nesse sentido, as mulheres praticantes de Capoeira Angola também se organizaram internamente, entre grupos e internacionalmente, a fim de estabelecer uma rede de trocas e aprendizados entre mulheres capoeiristas para combater as discriminações de gênero em cada realidade. Inicia-se um processo de ruptura de fronteiras, entre grupos e nacionalidades, gerando um tensionamento racial atualizado aos moldes do século XXI, com o crescente número de brancas(os), estrangeiras(os) ou brasileiras(os), praticantes de Capoeira Angola, defendendo a arte como expressão da cultura negra. Referimos às tensões raciais pautadas no contexto do debate presente na transição do século XX para o século XXI, com o surgimento da pluralidade dos feminismos e as reivindicações do lugar de fala do movimento negro. Este tensionamento acontece de forma distinta daquele identificado no início do século XX, em que o discurso era da homogeneização das raças por meio da falsa ideia da democracia racial, no contexto de formação de uma identidade nacional.

O processo de internacionalização da capoeira adentra o século XXI atrelado a valores simbólicos que mesclam afetos e racionalidade política, relacionando-se com os sujeitos e com os coletivos. Nesse sentido, o discurso de afirmação da cultura negra atrelado a retomada da Capoeira Angola contribuiu para a visibilidade internacional e a inserção crescente da modalidade em outros países. A mundialização da prática coloca a

capoeira em espaços de disputas políticas, com inúmeros desdobramentos. A participação das mulheres configura-se um deles (Araújo, 2017).

Em 2008, a capoeira foi reconhecida nacionalmente como patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — (Iphan). Em 2014, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura — (UNESCO) reconheceu a roda de capoeira como patrimônio cultural imaterial da humanidade. O título internacional revela um reconhecimento da prática não apenas em seu valor simbólico e cultural, mas também oficializou a inserção da capoeira como um produto da cultura afro-brasileira em disputas política e econômica ao nível internacional.

À luz desse breve panorama histórico e teórico, a entrevista que se segue estrutura-se em torno de questões que remetem a temas que demandam reflexão permanente, considerando que a capoeira é atravessada por contínuos processos de transformação, tanto no Brasil quanto em diferentes contextos internacionais.

Contexto de realização e conteúdo da entrevista

A presente entrevista foi realizada em 24 de setembro de 2025, no estúdio de gravação da biblioteca Le KAP Learning Centre, localizado na cidade de Clermont-Ferrand, França. A atividade integrou a programação do projeto *Capoeira: diálogos transdisciplinares para além das rodas*, que teve como objetivo promover reflexões sobre a sociedade, a história e a cultura afro-brasileira a partir do universo da capoeira. O projeto foi desenvolvido no âmbito do Programa Leitorados Guimarães Rosa, do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em parceria com a Embaixada do Brasil em Paris e a Université Clermont Auvergne, por intermédio do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros.

O projeto contou com o financiamento da Embaixada do Brasil em Paris e integrou a agenda da *Saison Croisée du Brésil en France 2025*, iniciativa dedicada ao fortalecimento das parcerias culturais e institucionais entre Brasil e França dentro do contexto das celebrações do Ano do Brasil na França. A programação do evento, desenvolvida nas cidades de Clermont-Ferrand e Lyon entre os dias 22 e 26 de setembro de 2025, reuniu conferências, oficinas de musicalidade e movimentação, rodas de conversa e rodas de capoeira, propondo diálogos transdisciplinares que ultrapassam os limites tradicionais das rodas.

No que diz respeito à entrevista com os Mestres de capoeira, as questões direcionadas para a Mestre Janja abordam diferentes dimensões da capoeira enquanto

prática cultural, educativa e política em contextos transnacionais. Por meio delas, busca-se compreender, em primeiro lugar, como a capoeira atua como instrumento de difusão da língua portuguesa e de intercâmbio cultural entre o Brasil e outros países. As perguntas exploram igualmente o papel da capoeira na afirmação e no fortalecimento da identidade afro-brasileira no exterior, ressaltando seu caráter de resistência e valorização das matrizes africanas.

Outro eixo temático que orienta as questões dirigidas à Mestre Janja aborda as relações de gênero e as desigualdades que permeiam a economia da capoeira, discutindo de que maneira o gênero influencia o acesso às oportunidades, os processos de reconhecimento e as formas de valorização nesse universo. A entrevista também suscita uma reflexão crítica acerca dos efeitos do afastamento da capoeira de sua ancestralidade africana e da cultura popular negra, problematizando as consequências simbólicas, culturais e éticas desse processo. Em seu conjunto, o diálogo revela a capoeira como um fenômeno social multifacetado, no qual língua, identidade, gênero, economia e ancestralidade se entrecruzam e se reconfiguram em permanente diálogo com a contemporaneidade global.

Já as questões voltadas para o Mestre Nelsinho foram construídas com o objetivo de refletir sobre os desafios contemporâneos enfrentados pela capoeira angola, considerando sua diversidade de interpretações e práticas nos campos cultural, filosófico, educativo e esportivo. As perguntas buscam, em um primeiro momento, compreender as tensões e transformações que essa manifestação tradicional vivencia diante das múltiplas formas de entendimento e apropriação da capoeira na atualidade.

Em seguida, o Mestre Nelsinho discorre sobre os impactos do reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural, discutindo de que modo tal reconhecimento se traduz, ou não, em benefícios concretos para Mestres, grupos e comunidades envolvidas na preservação dessa herança afro-brasileira. Por fim, é proposta uma análise das interconexões entre a capoeira e outras expressões culturais afro-brasileiras, como o samba, o maracatu, o jongo, o maculelê e o tambor de crioula, ressaltando o caráter relacional, dinâmico e coletivo dessas práticas na construção e manutenção da memória e da identidade negra no Brasil.

Entrevista

Raquel Gonçalves Dantas: Mestre Janja, segundo sua vivência no exterior através da capoeira e também a partir do seu lugar como professora e pesquisadora. Qual a sua percepção sobre a relação da capoeira com a difusão da língua portuguesa no contexto internacional?

Mestra Janja: Eu viajo com capoeira para o exterior desde 1997. Eu percebo que no início era muito mais difícil para as pessoas terem acesso ao aprendizado da língua portuguesa porque dependiam da presença e de materiais disponíveis para esse aprendizado. Com o passar do tempo, os próprios grupos, as próprias organizações de capoeira, elas tomaram para si a responsabilidade de também ensinar a língua portuguesa, produzindo materiais, usando o próprio repertório da capoeira como instrumento de sedução para a língua. E isso tem facilitado bastante. Uma outra coisa que deve ser destacado também é o desejo das pessoas fora do Brasil de irem ao país e, lá, praticarem a capoeira por algum tempo. E daí isso aumenta ainda mais a necessidade e o desejo dessas pessoas de se dedicarem igualmente à prática da língua portuguesa. Levando-se em conta que a língua portuguesa falada na capoeira é também um português antigo e, portanto, isso exige um pouco mais da formação desse repertório. Mas a capoeira segue, sem sombra de dúvida, como uma das grandes responsáveis pela difusão da língua portuguesa.

Maria Teresa Rabelo Rafael: Mestre Nelsinho, quais os maiores desafios, na sua opinião, que a capoeira angola enfrenta na atualidade? Tendo em vista as diferenças e as múltiplas perspectivas e entendimentos da prática, considerando aspectos culturais, filosóficos, educativos, esportivos, entre outros...

Mestre Nelsinho: Eu acredito que não só a capoeira angola, mas a capoeira como um todo, ela vem passando por um momento, até um pouquinho antes da pandemia, de alguns enfrentamentos internos que vão impactar nas estruturas dos grupos, na reconfiguração dos grupos. Para ter uma ideia, por exemplo, fazendo um recorte da minha região do Maranhão, você tinha uma quantidade de grupos que tinham rodas com mais frequência. A frequência dessas rodas diminuiu, assim como a quantidade de alunos. Então os grupos estão se reconfigurando. Eu lembro no Rio de Janeiro em 2002, ano que eu frequentei com bastante assiduidade as rodas de capoeira, existia um calendário de rodas semanais que ia de quarta a domingo e depois, de uns anos pra cá, as rodas passaram a ser mensais. Esse foi um grande impacto pós-pandemia. Porque a pandemia impôs um desafio para os grupos de capoeira. Vários grupos deixaram de existir ou se mantêm enquanto nome, mas perderam muitos alunos. Isso impactou bastante essa configuração

geral da capoeira. E uma outra questão: uma das coisas mais ricas da capoeira é a diversidade, a pluralidade, as várias formas da capoeira de se apresentar. Mas dentro dessa diversidade você tem algumas práticas que são bastante violentas e isso é assustador. Isso traz algum impacto negativo para a capoeira. Outra questão também que vai impactar e fortalecer a capoeira de forma extremamente positiva são as pautas políticas. Você falar do racismo, do machismo dentro da capoeira mexe com as estruturas. Isso é desconfortável para a gente que é Mestre homem. Isso dá uma chacoalhada dentro dos grupos, mas eu acredito que depois fortalece. Os grupos se preparam. Você entende a necessidade de falar disso e reconhecer problemas dentro da capoeira. Eu acho que a capoeira termina se fortalecendo com essas discussões.

Raquel Gonçalves Dantas: Mestre Janja, na sua opinião, como a presença da capoeira em diferentes culturas contribui para o fortalecimento da identidade afro-brasileira no exterior?

Mestra Janja: A construção da identidade afro-brasileira é um grande desafio porque significa transformar aspectos muito negativos impostos pelo racismo, que nos desqualifica enquanto sujeitos, enquanto seres humanos, e mostrar e evidenciar essa forma de ser negro através de outros referenciais que tornam positivo, ou que podem tornar positivo, essa identidade. No nosso caso na capoeira, o que a gente tem visto ao longo das últimas décadas é que quando os jovens negros saem do Brasil, migram para outros países com capoeira, ele produz uma alteração do seu status no interior da sua própria comunidade. E isso é muito positivo. Ele saiu de uma situação de desqualificação humana e ele vai para o exterior e isso produz uma projeção de si mesmo que passa a ser valorizada no seu local de trabalho. Um bom exemplo para a gente refletir isso, e até porque isso é publicizado através de vários vídeos e documentários, é a história do próprio Mestre João Grande. Um homem já velho que trabalhava num posto de gasolina como lavador de carro e quando ele é convidado a emigrar para os Estados Unidos, ele, em entrevistas diversas, diz “Aqui eu estou vivendo”, “Aqui eu estou vivendo”. Então esse “estar vivendo”, do Mestre João Grande, significa que existe um reconhecimento da comunidade da capoeira sobre a importância do seu próprio nome. E isso fez com que ele, dentro de Nova York, tivesse um espaço que fosse um dos espaços mais disputados e visitados por capoeiristas do mundo todo. Então eu volto a insistir que essa alteração de status em nossa própria comunidade é extremamente importante. Nós não estamos falando necessariamente em enriquecimento material, mas em alteração de status, em reposicionamento da condição de ser negro dentro de uma forma positivada. E isso é fruto do papel

das culturas tradicionais, das culturas populares, que eu acho que é um instrumento de alteração das injustiças e das desigualdades sociais no mundo todo. E que bom que isso pode ser assim. Porque são pessoas que retornam para o Brasil com outra possibilidade de refletir a sua própria existência.

Maria Teresa Rabelo Rafael: Mestre Nelsinho, quais são os impactos do reconhecimento da capoeira como Patrimônio Cultural e como esses impactos chegam ou não até os Mestres e grupos de capoeira?

Mestre Nelsinho: Eu acho que não só esse reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Povo Brasileiro, mas todo um conjunto de políticas públicas que foram voltadas para a capoeira nos últimos anos têm grande impacto no reconhecimento da capoeira. De editais públicos que não havia, por exemplo. Durante toda a trajetória histórica da capoeira a relação com o Estado foi pautada por perseguição, discriminação e de repente se começa a ter uma atenção do Estado voltado para a capoeira. Além desses editais, você vai ter o prêmio *Viva Meu Mestre*. Você tem ações do Ministério das Relações Exteriores que promoveu a produção de textos para espalhar para países de várias línguas. Você vai ter ações que não são diretas para capoeira, mas alcançam a capoeira no campo do esporte, da educação. Então isso daí foi extremamente valioso para o fortalecimento e valorização da capoeira. O Prêmio *Viva Meu Mestre*, por exemplo, que foram 100 Mestres em todo o Brasil que receberam o valor de 15 mil reais, sendo cinco do Maranhão. Foi a primeira vez que o meu Mestre recebeu 15 mil reais e pôde reformar a casa dele. Isso para mim é extremamente significativo. Então esse reconhecimento como Patrimônio Cultural tem o peso simbólico, porque eu, enquanto Mestre, fazedor dessa arte, zelador dessa arte, eu posso em qualquer espaço falar isso: que a capoeira é patrimônio reconhecido e que ela recebe essa atenção. Acredito que ainda existem lideranças novas com trabalhos significativos que ainda não alcançaram essas políticas públicas por não terem uma formação adequada. Mas eu acho que é uma questão de ajuste. Acho que estamos avançando nesse sentido. E é por isso que eu me preocupo quando parte da capoeira não enxerga a importância disso, dessas políticas públicas, e tem um posicionamento político que vai de encontro a sua própria existência. Isso é algo desafiador dentro da capoeira.

Raquel Gonçalves Dantas: Mestre Janja, no contexto da economia da capoeira, você já presenciou ou viveu situações em que o gênero interferiu nas oportunidades econômicas dentro da capoeira?

Mestra Janja: Em sociedades capitalistas todos os desenhos e traçados econômicos imprimem desigualdades. Eles imprimem desigualdades sem sombra de dúvida. No nosso

caso, enquanto capoeirista, isso está muito relacionado à mentalidade de quem produz e convida as pessoas, os Mestre de capoeira. Porque há segmentos dentro da capoeira em que, por exemplo, através das pautas que aquela organização, que aquele grupo desenvolve, as mulheres, as pessoas mais velhas, elas são muito bem vindas e são bastante valorizadas. O próprio Mestre Nelsinho falou há pouco, que existem setores, segmentos dentro da capoeira que são extremamente violentos e prejudiciais a essa construção de equidade. Então, o que a gente percebe é que existem ainda grupos de capoeira em que mulheres não tocam o berimbau. A gente ainda percebe que há grupos de capoeira em que mulheres não são responsáveis pela condução da roda, pela condução do canto. A gente ainda percebe hoje, por exemplo, grupos de capoeira que têm 30, 40 anos de existência e não conseguiram promover mulheres na condição de Contramestre ou de Mestra. Então ainda se mantém bastante desigual. E obviamente que o que a gente tem de novidade nisso aí é que, na atualidade, é possível a gente pensar em um mercado que se forma em torno do profissional da capoeira. E quando a gente pensa no profissional da capoeira, então a gente vai encontrar também alguns desequilíbrios. Ou seja, a gente encontra grande parte das mulheres profissionais da capoeira hoje trabalhando apenas com grupos de crianças, com grupos infantis. É mais difícil a gente encontrar mulheres trabalhando com pessoas adultas, com homens. No meu caso, quando alguém me convida para um evento de capoeira e me pergunta sobre o meu pagamento, a única coisa que eu consigo responder é: só me faça saber que eu estou ganhando a mesma coisa que os homens. Não importa quanto, mas que seja a mesma coisa. Então assim, ainda tem desafios que estão colocados diante de nós e nós não temos, por exemplo, nas esferas que estão em torno da capoeira, mulheres que estejam fabricando instrumentos de capoeira e trabalhando nesse mercado específico, nessa área específica da produção de instrumentos, da comercialização de instrumentos, não temos. Mas nós temos mulheres que são contratadas por homens para produção de uniformes de calças e camisetas de capoeira. Então a gente ainda tem um caminho muito grande de reposicionar as mulheres no interior dessa economia, tanto evidenciando melhores conquistas para as profissionais da capoeira, quanto para essas trabalhadoras indiretas que atendem o setor da capoeira dentro da chamada economia criativa. Eu volto a reafirmar que, enquanto se estruturar uma dinâmica de internacionalização em torno da economia criativa, a potência econômica dessa expressão da cultura [a exemplo, a capoeira] ganha projeção. Então, infelizmente, a gente ainda tem muitos caminhos a serem trilhados e muitas conquistas a serem produzidas.

Maria Teresa Rabelo Rafael: Mestre Nelsinho, de que forma a capoeira dialoga com outras manifestações culturais afro-brasileiras como o samba, o maracatu, o jongo, maculelê, o tambor de crioula?

Mestre Nelsinho: Essa relação começou a se dar para atender uma demanda do mercado de turismo e do mercado de entretenimento. Mas a ideia não é criminalizar essa relação. Até porque isso foi fundamental para a sustentabilidade da capoeira naquele período. E essa relação acabou se desenvolvendo de forma positiva, valiosa. Eu percebo, por exemplo, trazendo para o contexto do meu Estado, que os capoeiras que dialogam com essas outras manifestações, eles têm uma performance na roda extremamente valiosa, porque você melhora a sua musicalidade, sua corporeidade. Mas a gente também tem que considerar que às vezes as pessoas têm o entendimento de que você tem obrigação de saber de tudo. E cada manifestação dessa é um universo enorme. Então eu já dou conta da capoeira. Eu não preciso ser um tambozeiro ou um sambista. Quem consegue, tudo bem, mas às vezes as pessoas confundem de achar que você, por ser capoeirista, tem que saber samba de roda, tem que saber o maculelê. E eu acho que não. Eu acho que quem é capoeirista pode tranquilamente priorizar a capoeira e ser feliz ali dentro da capoeira.

Raquel Gonçalves Dantas: Mestre Janja, o que se perde quando grupos de capoeira, seja no Brasil ou no exterior, desvinculam a capoeira da ancestralidade africana?

Mestra Janja: Se perde muito. Se perde a história da capoeira e o seu passado e presente de lutas. A capoeira, se traduzida como o jogo da liberdade, nasce e se desenvolve na luta dos povos africanos e seus descendentes contra o projeto colonialista baseado na escravização de vidas africanas e de vidas negras. Desvincular isso da capoeira é cortar, é assassinar as suas raízes. E, obviamente, é o que se tenta fazer quando a gente pensa os critérios de uma sociedade racista que muitas vezes recebe aquilo que determinados grupos subalternizados produzem, desde que esses grupos não estejam presente como sujeitos e como protagonistas dessa arte. Então há muitas formas, ao longo da própria história da capoeira, de desenraizamento da capoeira. Seja mobilizada por um projeto que buscou fazer da capoeira única exclusivamente um esporte, uma luta marcial, um esporte brasileiro, etc. Seja através da ação de grupos folclóricos que tentaram tornar a capoeira algo palatável no campo do espetáculo, e, portanto, ingênua, desvinculada do seu passado de luta. Então, eu acho que manter essa memória viva é possibilitar que maiores responsabilidades sejam compartilhadas no interior da capoeira. E quando eu falo do compartilhamento de responsabilidades, eu estou falando tanto daqueles que são herdeiros desses grupos que foram subalternizados quanto daqueles que são herdeiros dos

grupos hegemônicos e que produziram essas tragédias humanas. Então eu acho que essas expressões da cultura elas nos dão a chance de a gente repensar no nosso presente. São marcas do passado que a gente não quer ver repetida no futuro.

Notas conclusivas

A entrevista aqui apresentada evidencia a capoeira como um campo complexo de produção cultural, política e social, cujas dinâmicas ultrapassam os limites da prática corporal e se projetam em dimensões linguísticas, identitárias, econômicas e educativas. A partir das reflexões de Mestra Janja e Mestre Nelsinho, emergem alguns eixos temáticos centrais que contribuem para compreender os processos contemporâneos que atravessam a capoeira, especialmente no contexto de sua expansão internacional e de sua crescente institucionalização.

Um primeiro eixo refere-se ao papel da capoeira na difusão da língua portuguesa em contextos transnacionais. Conforme destacado por Mestra Janja, a prática capoeirística tem funcionado como um importante vetor de circulação da língua, seja por meio das músicas, dos rituais e das interações pedagógicas que estruturam o aprendizado da capoeira, seja pelo interesse de praticantes estrangeiros em aprofundar sua formação no Brasil. Nesse sentido, a capoeira consolida-se como um relevante instrumento de mediação cultural, contribuindo para a internacionalização da língua portuguesa e para o fortalecimento de redes culturais que conectam diferentes países.

Outro eixo central diz respeito aos desafios contemporâneos enfrentados pela capoeira, especialmente no que se refere à reorganização dos grupos, às transformações nas dinâmicas das rodas e aos impactos decorrentes de mudanças recentes, como o período pós-pandemia. As observações de Mestre Nelsinho evidenciam que, embora a diversidade constitua uma das principais riquezas da capoeira, essa pluralidade também produz tensões internas, seja pela presença de práticas consideradas violentas, seja pela necessidade de enfrentamento de questões estruturais como o racismo e o machismo. Nesse sentido, o debate sobre pautas políticas no interior da capoeira aparece como um elemento que, embora provoque desconfortos, contribui para o fortalecimento crítico da própria comunidade capoeirística.

A entrevista também destaca o papel da capoeira na afirmação da identidade afro-brasileira, sobretudo em contextos migratórios e internacionais. A partir da experiência relatada por Mestra Janja, observa-se que a circulação de capoeiristas negros em outros países pode produzir processos de ressignificação de trajetórias marcadas por

desigualdades e discriminações, possibilitando novas formas de reconhecimento social e simbólico. Dessa maneira, a capoeira atua como um espaço de valorização de saberes afro-diaspóricos e de construção positiva da identidade negra, reafirmando o potencial das culturas populares como instrumentos de enfrentamento das disparidades socioeconômicas e raciais.

Outro aspecto relevante abordado na entrevista refere-se aos impactos do reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural e às políticas públicas direcionadas a esse campo. As reflexões de Mestre Nelsinho evidenciam que tais iniciativas contribuíram para ampliar o reconhecimento institucional da capoeira, historicamente marcada por processos de criminalização e marginalização. Ao mesmo tempo, apontam para a necessidade de ampliar o acesso de Mestres e grupos a essas políticas, bem como de fortalecer a compreensão, no interior da própria comunidade capoeirística, da importância dessas conquistas para a valorização e a sustentabilidade da prática.

A discussão sobre gênero e economia constituiu igualmente um eixo significativo do diálogo. As análises de Mestre Janja revelam a persistência de desigualdades nas oportunidades econômicas e nos espaços de liderança dentro da capoeira, indicando que a consolidação de um mercado profissional associado à prática ainda reproduz assimetrias de gênero. Nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de ampliar a participação e o reconhecimento das mulheres em diferentes dimensões da economia da capoeira, desde a docência e a organização de eventos até os circuitos de produção cultural vinculados à chamada economia criativa.

A entrevista enfatiza ainda a importância de preservar a vinculação da capoeira com sua ancestralidade africana e com sua trajetória histórica de resistência. Conforme argumenta Mestre Janja, desvincular a capoeira de suas raízes afro-diaspóricas implica esvaziar seus sentidos históricos e políticos, reduzindo-a a uma prática descontextualizada de suas origens. A manutenção dessa memória coletiva revela-se, portanto, fundamental para garantir que a capoeira continue sendo compreendida como expressão cultural profundamente ligada às lutas dos povos africanos e afro-brasileiros.

Por fim, a entrevista contribui para o campo de estudos da capoeira ao articular perspectivas provenientes da experiência de Mestres atuantes em diferentes contextos sociais e geográficos, oferecendo reflexões que dialogam tanto com a prática quanto com a produção acadêmica sobre o tema. Ao reunir vozes que ocupam simultaneamente posições de liderança, ensino e pesquisa, o diálogo amplia a compreensão sobre os desafios e as potencialidades da capoeira na contemporaneidade, reafirmando sua relevância como patrimônio cultural, prática educativa e espaço de produção de conhecimento.

Referências

- ARAÚJO, Rosângela Janja Costa. *Iê, Viva meu Mestre: a Capoeira Angola da escola pastiniana como práxis educativa*. 2004. 271 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- ARAÚJO, Rosângela Janja Costa. *É preta, Kalunga – A capoeira como prática política entre os angoleiros baianos (anos 80 - 90)*. Salvador: FGM, 2015. (Coleção Capoeira Viva).
- ARAÚJO, Rosângela Janja Costa. *Ginga: uma epistemologia feminista*. In: MUNDO DE MULHERES, 13.; FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2017. ISSN 2179-510X.
- BARBOSA, Marialva. *Escravos e o Mundo da Comunicacao - Oralidade, leitura e escrita no seculo XIX*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Mauad X, 2016.
- BARRETO, Paula Cristina da Silva. *Tensões em torno da definição da capoeira como expressão Cultural negra: reconstruindo as pontes entre o Brasil e a África*. Discussion Paper, Kyoto, Japão, n. 64, p. 64 -75, 2016.
- FRIGERIO, Alejandro. *Capoeira: de arte negra a esporte branco*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 4, n. 10, 1989.
- OLIVEIRA, Josivaldo P. de; LEAL, Luiz Augusto P. Capoeira. *Identidade e gênero: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil*. Salvador, BA: EDUFBA, 2009.
- PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *Culturas Circulares - A formação histórica da capoeira contemporânea no Rio de Janeiro*. Curitiba, PR: Editora Progressiva, 2010.
- OLIVEIRA, Josivaldo P. *Uma “volta ao mundo” com as mulheres capoeira: gênero e cultura negra no Brasil (1850 – 1920)*. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2012.
- KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808 – 1850)*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- SOARES, Carlos Eugenio Libano. *A capoeira escrava e outras tradicoes rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

Recebido em 28 de novembro de 2025

Aceito em 24 de fevereiro de 2026